
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. V.14 N.28 Jan./Abr./ 2020 p. 172-191

ISSN: 2237-0315

Exame nacional do ensino médio: o que dizem os professores de educação física?

National examination of middle school: what the teachers of physical education say?

Flavio Henrique Lara da Silveira Zaghi

Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

São Carlos- SP-Brasil

Regina Simões

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

Minas Gerais-Brasil

Resumo

Em 2009 a Educação Física integra o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo necessário compreender a percepção dos professores de Educação Física do Ensino Médio sobre sua inserção e verificar se os conteúdos presentes nesta avaliação compõe as aulas deste nível escolar. As entrevistas a 22 professores foram gravadas, transcritas e analisadas via Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado. Os resultados mostraram que apesar dos professores terem clareza quanto à função social-política do ENEM, poucos tiveram acesso às provas ou estabeleceram relações entre o que é ministrado e as exigências dos conhecimentos da área, assim como não emitiram reflexões sobre a avaliação. Não se deve atribuir uma mudança de paradigma da Educação Física somente por estar no ENEM, mas é preciso planejar e diversificar os conteúdos, para serem implementados no ensinar e aprender na escola.

Palavras-chave: ENEM; Escola; Professor.

Abstract

In 2009, Physical Education became part of the National High School Exam (ENEM), being necessary to understand the perception of the High School Physical Education' teachers about it and to verify if the evaluation' contents are contained in classes at this school level. Interviews with 22 teachers were recorded, transcribed and analyzed using the Elaboration Technique and Analysis of Units of Meaning. The results showed that, although teachers were aware of the social-political function of ENEM, few had access to the tests or established relationships between what is taught and the requirements of knowledge in the area, just as they didn't pronounce on the assessment. These should not attribute a change of paradigm in Physical Education just because the insertion at the ENEM, but it is necessary to plan and diversify the contents, to be implemented in teaching and learning at school.

Key words: ENEM; School; Teacher.

1. Introdução

Desde 1996, a Educação Física tem seu espaço assegurado dentro da escola pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB), especificamente no artigo 26, § 3º o qual afirma que deve estar integrada à proposta pedagógica da escola, como componente curricular obrigatório da Educação Básica. Apesar disto, existem algumas situações em que a prática é facultativa como cumprir jornada igual ou superior a seis horas; ter mais de trinta anos; estar prestando serviço militar ou ter prole.

Ao fazer uma análise do cenário da Educação Física no interior da escola e a produção científica da área, vê-se que existem alguns problemas, uma vez que ao mesmo tempo em que a literatura destaca a necessidade de oferecer no espaço escolar aulas bem planejadas, com conteúdo diversificado e clareza em seus objetivos, estudos demonstram a existência de problemas em aulas como: repetição de conteúdos em diferentes níveis de escolarização; exacerbação de práticas dos fundamentos e de gestos técnicos esportivos; valorização dos mais aptos fisicamente; ênfase no movimento corporal em detrimento do ser que se movimenta; oferecimento de conteúdos distintos para o gênero feminino e para o masculino e prática pedagógica estruturada em ações mecânicas (MILLEN NETO et al, 2010; BELTRÃO, 2014; MOLINA NETO et al., 2017).

Correia (2011) destaca que mesmo a Educação Física estando assegurada por lei não se firmou no quadro geral da Educação, pois sofre com evasão de alunos, dispensas das aulas, falta de material e inadequação dos conteúdos a serem ensinados. Especificamente no Ensino Médio a realidade não difere, considerando que além dos pontos já elucidados há diferenças regionais não respeitadas e a ideia disseminada que o conhecimento desta disciplina não resulta em ganhos para a ascensão ao ensino superior (OLIVEIRA; RAMOS, 2008; SANTOS, 2011).

Além disso, neste nível de escolarização há grande possibilidade de desmotivação por parte dos alunos, majoritariamente das escolas privadas, que optam por pedir dispensa das aulas procurando práticas corporais em lugares que lhes parecem mais agradáveis como academias de ginástica e clubes. Já a desmotivação encontrada nas escolas públicas se associa ao oferecimento das aulas de Educação Física em sua maioria no contra turno, dificultando o retorno dos alunos quer pela distância quer por questões financeiras ao espaço escolar e também por boa parte do corpo discente estar

matriculado no período noturno em que a disciplina é facultativa (BETTI; ZULLIANI, 2002; BRANDOLIN; KOSLINSKI; SOARES, 2015).

O estudo de Souza (2008) salienta que uma parte significativa dos alunos não frequenta as aulas de Educação Física no Ensino Médio devido à forte influência dos conteúdos marcadamente esportivizados. Fato ratificado no levantamento das produções científicas acerca dos conteúdos desenvolvidos na Educação Física escolar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio por Araújo, Rocha e Bossle (2017).

Outro ponto destacado pelos alunos do Ensino Médio é a repetição das aulas das modalidades esportivas mais comuns como futebol, voleibol, handebol e basquetebol, as quais já foram vivenciadas ao longo de todo o Ensino Fundamental (MOREIRA, PEREIRA, LOPES, 2009). A perspectiva de reprodução de conteúdo, com base na ideia de que pode gerar melhora do gesto técnico ou aprofundamento dos fundamentos não vai ao encontro das expectativas dos alunos, sendo essencial que os professores elucidem o senso crítico e reflitam a prática com vistas a um ensino motivador e cativante (CARDOSO et al., 2014).

Neste panorama há um outro fato que é a inserção da Educação Física no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) desde 2009.

O ENEM, foi criado em 1998 como forma de avaliar o desempenho dos alunos ao finalizar a Educação Básica (SILVEIRA; BARBOSA; SILVA, 2015) e consequentemente passou a ser uma das principais formas de ingresso na maioria das universidades do país. Ele é constituído de redação e de prova com questões objetivas, sendo que a partir de 2009 sofreu significativas mudanças em seu escopo no que se refere ao número de questões (alterou de 63 para 180); aumento de um para dois dias para a realização das provas, a utilização deste certame para o acesso ao Ensino Superior) e ampliação das matrizes de referências com a implantação das ciências exatas e suas tecnologias (FERNANDES, RODRIGUES, NARDON, 2013).

Além destes, houve a inserção do componente curricular Educação Física e Artes, os quais não eram contemplados de forma sistemática no contexto, como mostra quadro 1.

De 1998 a 2008	A partir de 2009
Matriz de cinco competências expressas em 21 habilidades, sem relação direta com os conteúdos.	Matriz com cinco eixos cognitivos comuns a todas as áreas de conhecimento, competências e habilidades específicas de cada área, vinculadas aos objetos de conhecimento de cada disciplina; Inclusão de Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol) e Educação Física
Constituído pela proposta de redação e uma prova com questões objetivas	Constituída pela proposta de Redação e quatro provas com questões objetivas divididas em áreas de conhecimentos: Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias.
Total de 63 questões objetivas	Total de 180 questões. Cada área com 45 questões objetivas, além da redação, sendo que as notas de ambas variam em uma escala de zero a 1000.

FONTE: INEP/MEC (2001, 2003, 2005, 2009 e 2011; SAMPAIO (2012).

De acordo com Werle (2010), o ENEM tem como característica ser um teste de aferição da capacidade de interpretação e de resolução de problemas. Abramovay e Castro (2003) salientam que o ENEM é uma forma de acesso à universidade e que o volume de instituições de Ensino Superior cadastradas junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que utilizam os resultados desse exame em seus processos seletivos agregam credibilidade e legitimidade a ele.

Porém, é preciso salientar que embora ele pareça justo e democrático, oportunizando a todos a mesma possibilidade de ascender ao ensino superior e igualando todos da mesma forma, aqueles que não são contemplados são responsabilizados pelo fracasso, uma vez que tiveram as “mesmas oportunidades”. Essa premissa é reducionista pois são vários os fatores que justificam o não acesso de boa parte dos estudantes a este nível de escolarização, sem considerar que um dos maiores problemas educacionais é a precária situação da Educação Básica em especial no ensino público (KOHL, 2010; BELTRÃO, 2014).

O vestibular reflete e reforça as diferenças encontradas na própria sociedade em que vivemos, e está alinhado com as contradições do nosso sistema de educação, que apesar do aumento do número de vagas para o ensino superior público, prioritariamente, atende às classes sociais de maior poder econômico. Os menos favorecidos ocupam um número de vagas proporcionalmente pequeno, na maioria das vezes, em universidades com menor concorrência (BELTRÃO, 2014, p. 821).

Apesar disto, o ENEM ganhou corpo e passou a alargar a abrangência de suas funções, ou seja, tornou-se porta para o acesso a várias instituições de Ensino Superior, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Sampaio (2012) salienta que o ENEM se impõe como uma importante política de Estado, visto que esse exame assumiu funções de ordem social e pedagógica, sendo responsável pela centralidade e visibilidade do Ensino Médio no atual cenário educativo. O exame faz parte da Política de Avaliação Externa da Educação Básica que objetiva avaliar a qualidade do Ensino Fundamental e Médio, além de contribuir para o replanejamento das políticas públicas implantadas nesse nível do ensino. Por conseguinte, o ENEM incide diretamente na avaliação dos concluintes e nos egressos e, de certa maneira, avalia também a qualidade da Educação Básica brasileira, tanto em relação ao aluno quanto ao professor.

A Educação Física, neste exame e de acordo com as Matrizes de Referências propostas no Brasil (2009), está inserida nas competências e habilidades destinadas a Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que tem como meta identificar as linguagens corporais, como fonte de identidade para o sujeito.

Os objetos de conhecimento associados às matrizes de referências são os estudos das práticas corporais, que tratam da linguagem corporal como integradora social e formadora de identidade, *performance* corporal e identidade juvenil; possibilidades de vivência crítica e emancipada do lazer; mitos e verdades sobre os corpos masculinos e femininos na sociedade atual; exercício físico e saúde; o corpo e a expressão artística e cultural; o corpo no mundo dos símbolos e como produção da cultura; práticas corporais e autonomia; condicionamentos e esforços físicos; o esporte; a dança; as lutas; os jogos e as brincadeiras (BRASIL, 2009, p. 14).

Observa-se que a linguagem corporal é o principal, não o único, conceito a ser estudado e ministrado por meio de seus conteúdos no contexto escolar, seja pela a descrição sobre quais as simbologias impregnadas no corpo quando se faz um movimento de uma manchete no voleibol, ou qual a leitura que se faz quando se observa diferentes manifestações corporais nas danças regionalizadas ou mesmo quais são e como são feitos os movimentos das lutas no Brasil e nos seus países de origem (BRASIL, 2002).

O que ocorre é que apesar das matrizes de referências da Educação Física estarem condizentes com os objetos de estudos deste componente curricular na escola, constata-se que não avançam no sentido de refinamento ou aprofundamento das competências e

das habilidades que esta disciplina pode oferecer. Fersntenseifer et al. (2011) sustentam que nas avaliações de larga escala, a falta de clareza em relação aos conteúdos mais relevantes da Educação Física pode tornar os resultados dessa prova pouco confiáveis, correndo-se o risco de um descompasso na relação entre o que se avalia e o que realmente é campo de estudo desta área.

Fensterseifer et al. (2011) ainda dizem que é um desafio pensar numa matriz de referência da Educação Física no ENEM, considerando os componentes conceituais, valorativos e técnicos e não destacando somente as técnicas específicas, mas sim as dimensões políticas, sociais, morais, culturais, expressivas e estéticas. Assim sendo, mesmo que seja impossível mensurar, numa avaliação de larga escala, as vivências motoras incorporadas pelos alunos, talvez seja possível avaliar os sentidos que a Educação Física produz referentes a seus elementos específicos na vida social e histórica que a disciplina produz na contemporaneidade.

Nesse contexto, é premente considerar a visão dos professores sobre esta avaliação, assim como é necessário que o trabalho pedagógico dos docentes seja revisto e reestruturado para atender a esta nova demanda (SILVA, 2013). No caso da Educação Física, são quase inexistentes investigações que analisam questões entre a área e o ENEM, o que justifica o objetivo deste artigo que é compreender a percepção dos professores de Educação Física do Ensino Médio sobre a inserção deste componente curricular no ENEM e verificar se os conteúdos presentes nesta avaliação estão inseridos nas aulas deste nível de escolarização.

2. Os caminhos da pesquisa

O estudo, de cunho qualitativo e exploratório se caracteriza por destacar, analisar e interpretar as informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que, nas pesquisas de corte qualitativo, não há preocupação em generalizar os achados (NEGRINE, 1999; MINAYO, 2007).

A construção do material empírico foi realizada nas escolas de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Neste município existem 15 escolas sendo 10 públicas e cinco privadas e todas foram consultadas e concordaram em participar da investigação. Nestas escolas, existem 25 professores de Educação Física, os quais foram selecionados

considerando os seguintes critérios: 1. Ser professor efetivo ou contratado da Educação Básica pública e/ou particular e atuar no Ensino Médio e 2. Concordar em participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Do total, 22 atenderam aos critérios definidos. A exclusão ocorreu em função da alegação, por parte dos docentes, de um sentimento de vergonha ou medo de participar de entrevistas gravadas e que se fosse questionário participariam.

Para atingir os objetivos propostos foi aplicada uma entrevista estruturada, agendada com antecedência e no local de preferência dos docentes, composta por cinco perguntas sobre a inserção disciplina Educação Física no ENEM e a relação com o contexto da Educação Física escolar,

As respostas foram gravadas, transcritas e a análise foi realizada de acordo com a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005), a qual prevê três momentos. O primeiro denominado de relato ingênuo, se caracteriza pela transcrição na íntegra das narrativas dos investigados.

De posse deste material, e sem perder de vista o sentido geral das narrativas do pesquisado, o que pode ser conseguido voltando-se várias vezes à leitura dos depoimentos, seleciona-se as unidades mais significativas, as quais são subtraídas dos relatos ingênuos, originando os indicadores que servem de referencial para a interpretação.

O terceiro momento acontece na medida em que se explicita as ideias de cada participante transformada em unidades de significado (U.S) e estas analisadas no sentido de se buscar o entendimento do fenômeno pesquisado. De posse deste material, o propósito é a construção de um quadro geral para interpretar os pontos convergentes e divergentes oriundos das respostas dos participantes da investigação.

Para garantir o aspecto ético, esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sobre o parecer nº 2648, seguindo a observância aos princípios éticos de respeito à autonomia das pessoas.

3. Resultados e discussão

Dos 22 professores (P) selecionados a maioria é servidor público estatutário 27,3% têm formação acadêmica há mais de 20 anos; 36,4% se formaram entre 10 e 20 anos e 36,4% têm formação consolidada em no máximo 10 anos. Quanto a titulação, somente um

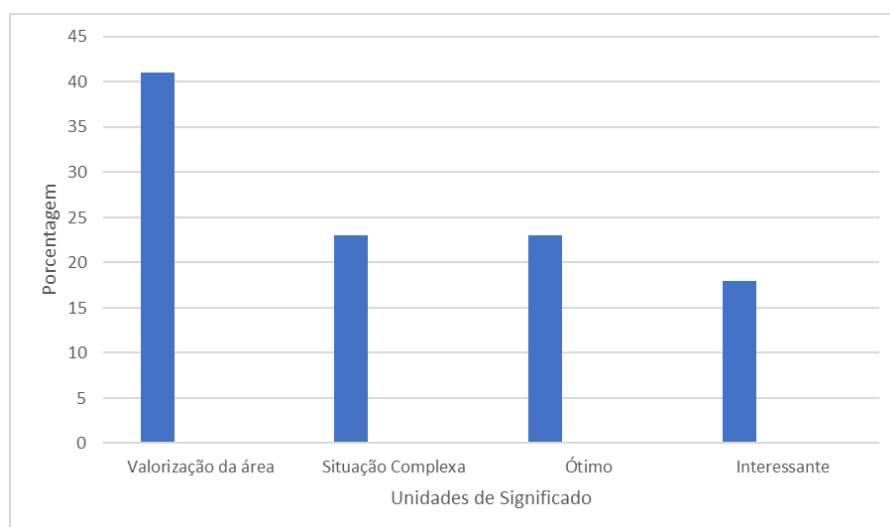
deles está cursando mestrado e 63,3% fizeram alguma especialização, porém o mais inquietante é que os 40,9% que cursaram especialização não o fizeram na vertente escolar, e sim, em outra área de atuação (TANI, 2014).

A pergunta: **Você está ciente que a Educação Física está presente no ENEM?** apresentou um equilíbrio, pois metade disse que sim e a outra não, o que denota que ainda não há unanimidade em relação ao conhecimento da área nesta prova. Este resultado foi surpreendente, pois, considerando o restrito número de produções sobre o assunto (BROIETTI; SANTIN FILHO; PASSOS, 2014) e pelas conversas informais na prática profissional em escolas, boa parte dos docentes desconheciam a entrada deste componente curricular no ENEM, justificando não terem recebido informações da direção da escola ou da regional de ensino.

Nesse quesito, seria interessante que houvesse uma formação permanente, a qual possibilitaria ao corpo docente um contato e aprimoramento das novas tendências pedagógicas e, conseqüentemente, aproximaria os professores das mudanças realizadas pelas instâncias governamentais.

Outra questão foi: **Qual a sua opinião em relação a presença da Educação Física no ENEM?** Considerando a técnica proposta foram estabelecidas quatro U.S., as quais têm por característica principal a valorização da área, ou seja, uma oportunidade interessante dela ganhar status no contexto escolar, como apresentado na figura 1.

Figura 1: Opinião dos professores sobre a presença da Educação Física no ENEM



FONTE: Coleta de dados (2016).

As respostas apresentam aspectos positivos, como **valorização da área** (40,9%), enaltecendo a Educação Física perante os alunos e comunidade escolar ou também como **ótimo** (22,7%) e ou **interessante** (18,1%), como afirma P8:

Eu acho que é uma coisa que tá valorizando muito a nossa área e eu tenho certeza que é uma coisa que vai dar super certo porque os alunos vão ver a Educação Física com outros olhos, então eu considero que é muito bom.

O entendimento de valorizar a área está associado à legitimação quer seja dos conteúdos como das práticas pedagógicas no contexto escolar.

Uma discussão paradigmática é a relação entre a legalidade e a legitimidade a qual incita pesquisadores a se debruçarem acerca desta temática, principalmente no âmbito da escola. Todavia, “[...] há a necessidade de se modificar o enfoque de atuação da Educação Física na formação do aluno, que deverá ser o eixo central de qualquer projeto político-pedagógico, como forma de legitimar o processo ensino-aprendizagem.” (SILVA; VENÂNCIO, 2005, p.59).

Na perspectiva da valorização da Educação Física, Rufino e Darido (2013) apontam que esta área na escola é um componente curricular com pouca importância social, e quando se trata do Ensino Médio é ainda menos valorizada. Os autores indicam que, neste nível de escolarização a Educação Física incorpora um viés de atividade extracurricular que tem como objetivo o relaxamento ou descanso para os alunos, ou mesmo treinamento desportivo, ou quiçá inexistência. Para superar essa situação, faz-se necessário uma reflexão crítica acerca dos dispositivos legais e práticas cristalizadas, reconhecendo suas potencialidades e significações.

Faria, Machado e Bracht (2012) analisaram as práticas pedagógicas de professores inovadores e de professores em estado de desinvestimento pedagógico. Os autores inferem que foi flagrante as relações de desrespeito no tocante ao reconhecimento social da Educação Física como componente curricular, o que remete a uma disciplina de “segunda classe”, um apêndice da escola. Finalizando, os autores arrematam a ideia dizendo que outras disciplinas também não gozam de prestígio, como a Arte.

Andreani (2013) indica que nos anos iniciais do Ensino Fundamental a participação discente nas aulas de Educação Física é significativa, porém nos anos finais do mesmo nível de ensino ocorre uma diminuição, a qual se torna mais vertiginosa no Ensino Médio.

Segunda a autora, três fatores são preponderantes para a queda da participação nas aulas, são eles: alegação de impossibilidade de praticar atividades física; roupas inapropriadas e o fato de não “saber jogar”

Palma, Oliveira e Palma (2010) dizem que embora a Educação Física apresente suas próprias particularidades, ela não deve receber um tratamento diferente das demais disciplinas escolares e, portanto, deve ser vista como matéria escolar que tem como objetivo o ensino de conhecimentos, sendo o movimento seu precípuo referencial.

Parte significativa dos professores de Educação Física do Ensino Médio consideravam que essa disciplina não tinha a mesma valorização das demais, por não estar presente nos vestibulares, o que é retificado por Melo e Ferraz (2007) que consideram um equívoco associar a valorização da área pela simples presença em avaliações externas de larga escala.

Apesar da crítica é preciso considerar que a construção dos currículos ocorre via sistema nacional de avaliação, ou seja, as disciplinas escolares ensinam o que é cobrado nos exames de larga escala, daí a necessidade da Educação Física também se preocupar com o ENEM, porém sem ficar engessada a esta avaliação, focando somente o que está presente nas questões desta prova (FOREQUE, 2013).

O fato dos conteúdos de Educação Física estarem neste exame valoriza este componente curricular na escola (KOHL, 2010), mas o que deixa a disciplina viva, ativa e pulsante é a relação dos conteúdos com as vivências dos alunos (SOUZA, 2008).

A valorização desse componente curricular perpassa por uma quebra paradigmática, a qual tanto a comunidade escolar e a sociedade como um todo incorporaram. Parece estar culturalmente determinado que os professores somente devem trabalhar as quatro modalidades esportivas ou aulas recreacionais e não avançam em outros conhecimentos. É preciso repensar significativamente o modelo das aulas de Educação Física no Ensino Médio, pois muitas foram as publicações que direcionam o professor para ministrar aulas diversificadas desse componente curricular. É inaceitável a alegação de que não há conteúdos diferentes daqueles vivenciados no Ensino Fundamental e que os alunos só aceitam o futebol. Se o professor estiver atento e repensar a sua prática, ele verá que existem muitas possibilidades de trabalhar “diferente” aquilo que os alunos dizem ser “o mesmo”.

Há práticas inovadoras que podem ser inseridas na Educação Física, como a proposta pedagógica articulada com o currículo da escola; desenvolvimento de conteúdos de forma progressiva e com preocupação sistematizadora; envolvimento do conjunto dos (as) alunos (as) nas aulas; a presença de conteúdos variados representativos da diversidade que compõem a cultura corporal de movimento; processos de avaliação articulados com os objetivos do componente curricular, o que rompe com a noção de atividade para a de disciplina (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011).

O trabalho de desconstrução é árduo, pois requer um processo que envolva inúmeras facetas, desde a formação de professores, perpassando pela melhoria do status da profissão e formação permanente (BORGES, 2005; GATTI, 2010; SILVA; LOVISOLO, 2013).

Outro ponto a ser destacado sobre a presença da Educação Física no ENEM é estar relacionado à uma **situação complexa**, principalmente identificada pelos docentes que não conhecem a sua inserção na avaliação. Obviamente que os professores têm sua parcela de culpa, mas é impossível desconsiderar que a falta incentivo e ou formação continuada são essenciais para auxiliar os professores a entender a dinâmica deste novo panorama (GATTI, 2010).

Não se nega que os professores de Educação Física, principalmente aqueles que estão no Ensino Médio, sofrem com algumas situações vividas na escola, como aluno sem compromisso com a aprendizagem, infraestrutura inadequada para a prática esportiva, baixos salários, entre outros, as quais geram desmotivação e impotência. Além disto, há um inchaço nos currículos escolares das disciplinas que são cobradas em maior número nos exames de acesso ao Ensino Superior por serem consideradas mais importantes, em detrimento daquelas que são rotuladas como menos relevantes para o ingresso e para a formação do aluno, tachadas às vezes com a conotação de lazer ou para “desestressar” e outras vezes eliminadas (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Ao serem questionados: **Você teve acesso às provas/questões de Educação Física no ENEM?** as respostas foram preocupantes pois 86,9% não tiveram, como revela a fala do P22 ao dizer: “tive acesso sim. Eu tive acesso assim, é previamente, não profundamente”.

Isso significa que apesar do contato não houve preocupação em aprofundar e ou discutir o que estava contido para repassar aos alunos. Esse resultado é surpreendente uma vez que os professores, embora tenham conhecimento da prova e ciência da

importância do exame para valorização da área, não expõe ações concretas de interesse em verificar como essa disciplina vem sendo cobrada nesse certame.

Os estudos de Faria, Machado e Bracht (2012), elucidam que a Educação Física é considerada uma disciplina de “segunda classe”, uma vez que provoca nos professores deste componente curricular um sentimento de rebaixamento, pois eles não se consideram sujeitos de valor igual aos outros membros da coletividade escolar. Os autores afirmam que a repercussão desse cenário é perceptível na formação da identidade do docente, bem como nas práticas pedagógicas e dinâmicas curriculares.

Aproveitando o ensejo, vale ressaltar que a inserção da Educação Física no ENEM também pode ser considerada de segunda classe, pois, em média, o número de questões por aplicação do certame são de 3 (três) em 45 (quarenta e cinco). Além do que as questões são consideradas de fácil resolução, o que implica ainda mais para o cenário anteriormente descrito (ZAGHI; SIMÕES; CARBINATTO, 2015).

Ações como procurar as provas que foram aplicadas, compreender as questões, analisar o porquê estarem ali e, posteriormente, discutir com os alunos a forma que a Educação Física está sendo inserida no ENEM deveria estar no cotidiano dos professores que atuam nesta disciplina e mais especificamente daqueles que estão inseridos no Ensino Médio.

A pergunta: **Você sabe quais os conteúdos da área da Educação Física que são cobrados na avaliação do ENEM?** Ratifica os achados na pergunta anterior, pois 63.6% responderam não, contra 36.4% sim. Fato preocupante, considerando o novo cenário criado para a área da Educação Física e o que se percebe é que as provas foram analisadas, mas há uma perspectiva do que pode ser cobrado.

O P3 afirma não ter visto a prova, mas

Acho que teve uma questão de futebol [...] e teve uma dessas que fala da fisiologia do organismo [...] e uma da questão de cooperação.(P3)

Deve ser sobre saúde, conhecer o corpo da pessoa, da importância do alongamento.(P.17)

As questões versam sobre condicionamento físico, preparo físico, função cardiorrespiratória e doenças degenerativas.(P6)

As questões devem conter assuntos como biologia, biomecânica, corpo humano.(P7)

A abordagem das questões é sobre saúde, parte esportiva, balanço calórico e jogos.(P15)

Acredito que danças, práticas esportivas, recreação, prevenção de lesão e doping são os tópicos cobrados.(P18)

Apesar das respostas dos professores estar no campo do senso comum, alguns conteúdos assinalados pelos docentes estão contidos no escopo das questões da Educação Física no ENEM, porém o que inquieta é que eles responderam o que acreditam que deveria estar na prova e não efetivamente demonstram o conhecimento sobre o assunto de forma consistente e radical.

É importante salientar que esta análise não significa que o professor deva elaborar suas aulas a partir das diretrizes que o ENEM determina e as vezes se sentir controlado pelo contexto, mas é preciso que o docente conheça o que está sendo avaliado para, inclusive, ter subsídios de refletir sobre os pressupostos, sentidos e intenções da avaliação e consequentemente não ser responsabilizado por possíveis insucessos dos alunos na prova (ZANCHET, 2007).

Essa constatação diverge das pesquisas realizadas em outros componentes curriculares referente a temática (SOUSA, 2003, ZANCHET, 2007, FONSECA, 2010, LOPES; LOPEZ 2010, SILVA, 2013). Os achados demonstram que o ENEM influencia na construção curricular das disciplinas escolares, o que, por muitas vezes, homogeneiza os conteúdos frente ao que se cobra nesta avaliação

Beltrão (2014) demonstra preocupação, já que, segundo o autor, a homogeneização das manifestações da cultura corporal de movimento acarretaria um engessamento do currículo da Educação Física, pois os professores poderiam ficar seduzidos por essa nova conjectura (Educação Física no ENEM) e pautar toda a prática pedagógica a partir dos conceitos cobrados na prova.

Parafraseando Gonzalez e Fensterseifer (2010), além de se ter na Educação Física escolar uma pluralidade de práticas corporais, tem-se também atrelados a elas os conhecimentos conceituais que são igualmente plurais, os quais juntos devem ser objeto de estudo deste componente. Dessa forma, os saberes produzidos pelas experiências das vivências corporais não podem ser substituídos por uma reflexão conceitual, do mesmo modo, os conhecimentos produzidos pelas vivências não substituem as ferramentas cognitivas geradas pelos conceitos. Portanto, esses saberes se completam e devem ser

trabalhados simultaneamente de forma articulada e específica dentro da proposta da Educação Física escolar.

Porém, a princípio, as mudanças foram mínimas no tocante a construção curricular, práticas pedagógicas e valorização da Educação Física. Não se pode considerar que o ENEM influenciou uma revolução na Educação Física. Enquanto componente curricular obrigatório ainda permanecemos a margem do processo de escolarização dos estudantes.

Outra discussão que pode ser embasada a partir desse cenário é o local em que a Educação Física está alocada no ENEM, ou seja, na área de “Linguagens, códigos e suas tecnologias”, porém, a partir da opinião dos professores, a Educação Física estaria inserida na área de “Ciências da natureza e suas tecnologias”, já que a relação entre a Educação Física e a Biologia está mais próxima dos estudos relacionados às ciências do movimento humano, cuja proximidade se dá com a linguagem corporal.

Os docentes ainda responderam a seguinte pergunta: **Em sua aula de Educação Física, há preocupação em ministrar os conteúdos que estão na prova do ENEM?** As respostas mostraram que 63.6% não ministram e 18.1% não responderam.

Interessante constatar que apesar de acharem importante e ser uma oportunidade de valorização da área, poucos estabelecem relações entre as aulas e a avaliação. A maioria alega que a responsabilidade está na escola, afirmando que a direção não estabeleceu uma interlocução com os professores para expor e ou solicitar que as aulas atendam conteúdos que estão englobados no exame, como diz P1:

Essa preocupação tem que partir da escola, porque o aluno tendo consciência de que uma pergunta vai passar ele na frente de milhares de pessoas é questão de como você conduzir o processo e esse processo não parte somente do professor de Educação Física, ele tem que partir da direção.

Mais uma vez não se defende que o professor deve estar submisso aos pressupostos do ENEM, mesmo porque a Educação Física tem como maior desafio incorporar no cotidiano dos alunos a necessidade do movimento em suas diversas formas de manifestação corporal e não apenas conhecer as exigências desta avaliação (BELTRÃO, 2014).

O professor é o principal responsável pela sua disciplina e deve estar comprometido por melhorar e atualizar suas aulas em diálogo com a direção escolar, as

diretrizes da área de atuação. O desenvolvimento dos conteúdos da Educação Física não deve estar atrelado à realização de uma prova, mas pelo comprometimento e conscientização dos professores em repassar de forma coerente e objetiva os conhecimentos inerentes a cultura corporal de movimento, ou seja, propiciar aulas prazerosas, diversificadas e inserir o aluno no contexto dos esportes, das lutas, da ginástica, da dança e dos jogos.

Ao mesmo tempo os docentes que responderam trabalhar os conteúdos requisitados pelo ENEM o fizeram de forma confusa e não conseguiram explicitar o que entendiam ser conteúdos requisitados na prova dizem o seguinte:

Tem a parte da teórica das aulas, mas vou falar a verdade, a gente nem sabia que caía, mas a gente já trabalha isso, agora vou me preocupar mais em orientá-los já que pode ser uma questão que pode ajudá-los na prova do ENEM na minha parte, na Educação Física.(P9)

Ah! com certeza, com certeza. A gente tenta trabalhar a parte teórica, mas é complicado. É uma batalha muito grande que a gente vai ter que ter. (P21)

É interessante frisar que, além do peso incorporado à aula teórica esses professores disseram que se preocupam em ministrar os conteúdos da Educação Física no ENEM. Porém, ao analisar a entrevista na íntegra, constata-se que o P9 não tinha consciência que tinha Educação Física no ENEM. Ou seja, é no mínimo paradoxal afirmar que você não conhece a prova e mesmo assim trabalha os conceitos que estão presente nas questões deste componente curricular nesta prova.

Torna-se um equívoco acreditar que somente regras ou história das modalidades esportivas perfazem as questões do ENEM, elas podem ser elaboradas de forma mais ou menos complexa, que exijam ou não tanto conhecimento específico da área. Não se pode pensar que, só porque tem aula teórica de algumas modalidades esportivas, atende-se os pressupostos da área que são avaliados no ENEM. Ministrar apenas aulas teóricas de algumas modalidades esportivas, certamente, não é o caminho para auxiliar os alunos a alcançar bons resultados nesse exame e, muito menos atingir, a valorização e a ascensão da Educação Física na escola.

Considerações finais

Os resultados mostraram que os professores consideram a entrada da Educação Física importante para valorizar a área, porém tem poucos conhecimentos do que

efetivamente está sendo solicitado na avaliação, assim como tem dificuldade em apresentar uma análise mais efetiva das relações entre o exame e as aulas desta área no Ensino Médio.

Os docentes entrevistados têm consciência da existência dessa avaliação e acreditam ser relevante para o acesso de alunos das escolas públicas ao Ensino Superior, porém quando questionados sobre a ação pedagógica da área da Educação Física para atender o solicitado no exame, o formato da prova, a elaboração das questões ocorre o inverso.

Aparentemente, a entrada da Educação Física no ENEM seria um divisor de águas para a área, porém, o que se conclui por meio desta investigação é que somente essa situação não retira a Educação Física da margem do processo de escolarização do aluno. A priori, esse cenário não acarretou nenhuma mudança significativa frente ao processo de ensino e de aprendizagem e nem despertou nos entrevistados análises críticas.

Não se deve atribuir uma mudança de paradigma da Educação Física somente por estar no ENEM, é preciso algo a mais no planejamento e na diversificação dos conteúdos. É necessário compreender os conhecimentos inerentes à Educação Física e implementá-los no ensinar e aprender na escola.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. (Org.). **Ensino Médio**: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO: MEC, 2003.
- ANDREANI, Fabiana. Educação Física no Ensino Médio: fragilidades e possibilidades IN: Congresso Nacional de Educação, 2012, Curitiba, **Anais....** Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2013, p. 17822 – 17831.
- ARAÚJO, Samuel Nascimento; ROCHA, Leandro Oliveira; BOSSLE, Fabiano. Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 205-221, julho, 2017.
- BELTRÃO, José Arlen. A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 819-840, abr./jun, 2014.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 73 – 81, 2002.

BORGES, Cecília. A formação de docentes de Educação Física e seus saberes profissionais. In: BORGES, Cecília; DESBIENS, Jean François (Org.). **Saber, formar e intervir para uma Educação Física em mudança**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 157-190.

BRANDOLIN, Fabio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A percepção dos alunos sobre a Educação Física no Ensino Médio. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 601-610, set/dez, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: **Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMT, 2002

BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Textos Teóricos e Metodológicos do ENEM**. Brasília, DF, 2009.

BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias; SANTIN FILHO, Ourides; PASSOS, Marinez Meneghello. Mapeamento da produção científica brasileira a respeito do Enem (1998-2011). **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 233-260, jan/abr. 2014.

CARDOSO, Marcel Anghinoni; PEREIRA, Flavio Medeiros; AFONSO, Mariângela da Rosa; ROCHA JUNIOR, Ivon Chagas da. Educação Física no Ensino Médio: desenvolvimento de conceitos e da aptidão física relacionados à saúde. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 147-161, jan/mar. 2014.

CORREIA, Walter Roberto. **Educação Física no Ensino Médio**: questões impertinentes. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura 2011.

FARIA, Bruno de Almeida; MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. A inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 120-129, jan./mar. 2012.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZALEZ, Fernando Jaime; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; SILVA, Sidinei Pithan. Educação Física nas avaliações em larga escala brasileiras: balanço e desafios. In: **Ciclo de Simpósios**: avaliações da Educação Básica em debate. INEP-MEC, p. 21-23, nov. 2011.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André. Ensaando o “novo” em Educação Física escolar: a perspectiva de seus autores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

FERNANDES, Anoel; RODRIGUES, Heitor Andrade; NARDON, Tiago Aparecido. A inserção dos conteúdos de Educação Física no ENEM. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXV, n. 40, p. 13-24, jun. 2013.

FONSECA, Rosânia. ENEM - **Exame Nacional do Ensino Médio 1998-2007**: olhares da escola pública mineira através da voz de gestores, pedagogos e professores de escolas da rede pública estadual de Passos (MG). 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FOREQUE, Flavia. **Falta referência nacional para currículos nas escolas**. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/08/1321248-falta-referencia-nacional-para-curriculo-nas-escolas.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out/dez 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas para o não-lugar da Educação Física escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 10 – 21, mar. 2010.

KOHL, Henrique Gerson. Educação Física na educação básica e o novo ENEM: novos desafios e novas possibilidades. In: IV Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade Senac, n. 4, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Senac, 2010. p. 1-5.

LOPES, Alice Casimiro; LOPEZ, Silvia Braña. A performatividade nas políticas de currículo: o caso do ENEM. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 89-110, abr. 2010.

MELO, Rogério Zaim de; FERRAZ, Osvaldo Luiz. O novo Ensino Médio e a Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n.2, p 86-96, abr./jun. 2007.

MILLEN NETO, Alvaro Rego; CRUZ, Ronaldo Pimenta; SALGADO, Simone da Silva; CHRISPINO, Renata Ferreira; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-15, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOLINA NETO, Vicente; FONSECA, Denise Grosso; SILVA, Lisandra Oliveira e; LOPES, Rodrigo Alberto; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a era do gelo. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 87-105, setembro/2017.

MOREIRA, Evandro Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov; LOPES, Tomires Campos. Desafios e propostas para a Educação Física no Ensino Médio. In: MOREIRA, Evandro Carlos; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. (Org.). **O que e como ensinar Educação Física na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2009, p 86-94.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline Rozante. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 13, n. 4, p. 107-114, dez. 2005.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coletas de informação na pesquisa qualitativa, In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto. Nivaldo Silva. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Sulina, 1999. p. 61-93.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey Moreira. **Esporte para a vida no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Ana Carolina Santana; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Construindo saberes pela formação e prática profissionais de uma professora de Educação Física do Ensino Médio. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.3, p. 252-259, jul./set. 2008.

PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido; PALMA, José Augusto Victoria. **Educação Física e a organização curricular**: educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio. Londrina: Eduel, 2010.

RUFINO, Luís Gustavo Bonato; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física no Ensino Médio: desvendando processos de desvalorização a partir da transferência das aulas para as academias de ginástica. IN: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013, Brasília, **Anais...**Brasília, 2013, p. 1 – 14

SAMPAIO, Edilma Mota Rodrigues. **O exame nacional do Ensino Médio (ENEM) nas escolas de Campo Grande/MS**:a influência na prática pedagógica segundo os professores de matemática. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Exame Nacional do Ensino Médio: entre a regulação da qualidade do Ensino Médio e o vestibular. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, p. 195-205, abr/jun. 2011.

SILVA, Claudene Souza. Estudo qualitativo sobre as mudanças que o Enem - Exame Nacional do Ensino Médio provocou nos trabalhos pedagógicos e metodológicos dos professores do Ensino Médio. **Cocar**, Belém, v. 7, n. 13, p. 91-97, jan./jul, 2013.

SILVA, Eduardo Vinicius Mota; VENÂNCIO, Luciana. Aspectos legais da Educação Física e integração a proposta pedagógica da escola. In: DARIDO, Suraia Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-63.

SILVA, Tânia Mara Tavares; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. O status do professor: conceitos, evidências, ações e reações. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 8, n.16, p. 338-358, ago/set. 2013.

SILVEIRA, Fernando Lang; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes Barbosa; SILVA, Roberto da. Exame nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**. São Paulo, v. 37, n. 1, p. 1101-1105, mar, 2015.

SOUSA, Sandra Zákia. Possíveis impactos das políticas de avaliação no currículo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 175-190, jul. 2003.

SOUZA, Adalberto dos Santos. **Educação Física no Ensino Médio**: representações dos alunos. 2008. 146f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TANI, Go. Editoração de periódicos em Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 715-722, dez, 2014.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Sistema de avaliação da educação básica no Brasil: abordagem por níveis de segmentação. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Avaliação em larga escala**: foco na escola. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 21-36.

ZAGHI, Flavio Henrique; SIMÕES, Regina; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica e Exame Nacional do Ensino Médio. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. Especial, p. 115-126, maio/2015.

ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib. O exame nacional do Ensino Médio (ENEM): o que revelaram os professores do Ensino Médio acerca dessa avaliação. **Contrapontos**, Itajaí, v. 7, n. 1, p. 55-69, jan./abr. 2007.

Sobre os autores

Flavio Henrique Lara da Silveira Zaghi

Mestre em Educação Física – UFTM. Doutorando no Programa de Educação escolar da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: flaviozaghi@hotmail.com

Orcid: 0000-0003-1489-9507

Regina Simões

Departamento de Ciências do Esporte. Instituto de Ciências da Saúde. Mestrado e Doutorado em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

E-mail: rovigatisimoes@uol.com.br Orcid: 0000-0002-9463-4068

Recebido em: 15/05/2019

Aceito para publicação em: 14/06/2019